

SIRI HUSTVEDT

O verão sem homens

Tradução

Alexandre Barbosa de Souza



Copyright © 2011 by Siri Hustvedt
Copyright das ilustrações © 2011 by Siri Hustvedt
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
The Summer Without Men

Capa
Rita da Costa Aguiar

Ilustração de capa
Cynthia Gyuru

Preparação
Cláudia Cantarin

Revisão
Ana Maria Barbosa
Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hustvedt, Siri
O verão sem homens / Siri Hustvedt ; tradução Alexandre Barbosa de Souza. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: The Summer Without Men.
ISBN 978-85-359-2280-6

1. Romance norte-americano 1. Título.

13-04408

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura norte-americana 813

[2013]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Algum tempo depois que ele disse a palavra *pausa*, enlouqueci e fui parar no hospital. Ele não disse *Nunca mais quero ver você* ou *Acabou*, mas depois de trinta anos de casamento uma “pausa” foi o bastante para me transformar numa maluca, com os pensamentos explodindo, ricocheteando e resvalando uns contra os outros como milho de pipoca dentro de um saco em um micro-ondas. Faço essa lamentável observação deitada em minha cama na Unidade Sul, tão chapada de Haldol que odeio ter de me mexer. As vozes cruéis e ritmadas amainaram, mas não desapareceram, e quando fecho meus olhos vejo personagens de desenho animado correndo por colinas cor-de-rosa e sumindo em meio a florestas azuis. Por fim, o Doutor P me diagnosticou com um Transtorno Psicótico Transitório, também conhecido como Transtorno de Reação Psicótica, o que significa que a pessoa é realmente louca mas não por muito tempo. Se dura mais de um mês, ocorre uma mudança de rótulo. Aparentemente, há muitas vezes um gatilho, ou, no jargão psiquiátrico, “um fator de estresse”, para esse tipo particular de transtorno. No meu caso,

foi Boris, ou melhor, o fato de não haver mais Boris, de que Boris estava precisando de um tempo. Deixaram-me trancafiada durante uma semana e meia, e depois fui liberada para ir embora. Fui uma paciente externa por algum tempo, até conhecer a Doutora S., com sua voz grave e musical, o sorriso contido e um bom ouvido para a poesia. Ela me deu apoio — ainda me dá, na verdade.

Não gosto de me lembrar da louca. Ela me envergonhava. Por muito tempo, relutei em olhar para o que ela havia escrito em um caderno preto e branco durante sua estada na ala psiquiátrica. Eu sabia o que estava rabiscado na capa com uma letra que não se parecia nada com a minha, Cacos Cerebrais, mas eu não ousaria abrir o caderno. Tinha medo dela, como se pode ver. Quando minha filha Daisy veio me ver, disfarçou sua inquietação. Não sei exatamente o que ela viu, mas posso imaginar: uma mulher esquálida por não comer, ainda confusa, o corpo enrijecido de drogas, uma pessoa incapaz de reagir apropriadamente diante das palavras da filha, incapaz de segurar a própria cria. E então, quando ela se foi, ouvi seu gemido junto à enfermeira, o ruído de um soluço em sua garganta: “É como se não fosse a mamãe”. Eu estava perdida com meus pensamentos na ocasião, mas lembrar essa frase ainda causa em mim aflição. Não me perdoou.

A Pausa era uma francesa de cabelos sem graça, mas castanhos e brilhantes. Tinha seios significativos e naturais, não fabricados, óculos estreitos retangulares e uma extraordinária capacidade intelectual. Ela era jovem, é claro, vinte anos mais nova do que eu, e minha suspeita é de que Boris tenha ficado seduzido pela colega algum tempo antes de conseguir atacar suas regiões significativas. Fiz e refiz essa imagem inúmeras vezes.

Boris, tufos de neve branca caindo sobre a testa enquanto ele agarra a tal Pausa junto às gaiolas de ratos geneticamente modificados. É sempre no laboratório, embora essa visão provavelmente seja equivocada. Os dois raramente ficavam sozinhos lá, e a “equipe” teria percebido o agarramento ruidoso ali do lado. Talvez tenham se escondido no banheiro, meu Boris por cima de sua colega cientista, os olhos revirando nas órbitas, conforme se aproximava da explosão. Eu sabia de tudo. Tinha visto seus olhos revirando mil vezes. A banalidade da história — o fato de que isso se repete todos os dias *ad nauseam* por homens que descobrem súbita ou gradualmente que o que É não PRECISA SER e então se livram das mulheres envelhecidas que cuidaram deles e dos filhos durante anos — não cala a angústia, o ciúme nem a humilhação que recai sobre quem foi deixada para trás. Mulheres desprezadas. Chorei, gritei e bati com meus punhos na parede. Ele ficou assustado. Queria paz, queria ser deixado em paz para seguir seu caminho com alguém com quem não tinha nenhum passado, nenhuma dor compartilhada, nenhuma tristeza, nenhum conflito. E no entanto ele disse uma “pausa”, não um “ponto final”, para manter a narrativa em andamento, caso mudasse de ideia. Uma fresta de esperança cruel. Boris, a Muralha. Boris, que jamais erguia a voz. Boris balançando a cabeça no sofá, parecendo frustrado. Boris, o homem dos ratos que em 1979 se casou com uma poeta. Boris, por que você me abandonou?

Tive que sair do apartamento porque ficar lá doía. Os quartos e a mobília, os sons da rua, a luz que brilhava em meu escritório, as escovas de dentes na prateleirinha, o closet sem maçaneta — cada coisa se tornara um osso que doía, uma articulação ou uma costela ou uma vértebra na anatomia articulada da memória

compartilhada, e cada coisa familiar, carregada com os significados acumulados do tempo, pareciam pesar em meu corpo, e descobri que não podia suportar mais. Então saí do Brooklyn e fui passar o verão em casa, numa cidadezinha esquecida, no que costumava ser a pradaria de Minnesota, onde fui criada. A Doutora S. não se opôs. Nossas sessões seriam feitas por telefone uma vez por semana, exceto em agosto, quando ela costumava sair de férias. A universidade havia se mostrado “compreensiva” a respeito de minha crise, e eu só voltaria a lecionar em setembro. Aquilo era para ser um Bocejo entre a Loucura de Inverno e a Sanidade do Outono, um vazio sem grandes acontecimentos a ser preenchido com poemas. Eu passaria um tempo com minha mãe e colocaria flores no túmulo do meu pai. Minha irmã e Daisy viriam me visitar, e eu já fora contratada para ministrar uma oficina de poesia para crianças na cidade. “Premiada Poeta Nascida na Cidade Oferece Oficina”, dizia uma manchete do *Bonden News*. O obscuro prêmio Doris P. Zimmer de Poesia caiu sobre minha cabeça sem eu saber como, oferecido exclusivamente a mulheres cujo trabalho se encaixava na rubrica “experimental”. Acabei aceitando a dúvida honraria e o cheque que graciosamente a acompanhava, mas com reservas, para depois me dar conta de que QUALQUER prêmio é melhor do que nada, de que a expressão “premiada” agrupa um brilho útil ainda que puramente decorativo a uma poeta que vive em um mundo que nada entende de poemas. Como John Ashbery disse um dia: “Ser um poeta famoso não é a mesma coisa que ser famoso”. E eu não sou uma poeta famosa.

Aluguei uma pequena casa nos limites da cidade não muito distante do apartamento de minha mãe, que ficava em um edifício destinado exclusivamente a pessoas idosas e muito idosas.

Minha mãe morava na zona independente. Apesar da artrite e de diversas outras queixas, inclusive acessos ocasionais de uma alarmante pressão alta, ela era incrivelmente ativa e lúcida aos oitenta e sete. O conjunto contava ainda com mais duas áreas distintas — para os que precisavam de ajuda, chamado de “vida assistida”, e o “centro de terapia”, que era o fim da linha. Meu pai morrera ali seis anos antes e, embora eu tivesse sentido um tranco em minha tentativa de voltar e olhar novamente o lugar, não passei da entrada, dei meia-volta e fui do fantasma dele.

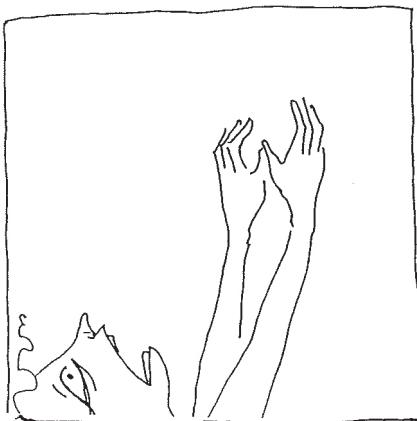
“Não contei para ninguém sobre sua internação no hospital”, minha mãe disse numa voz aflita, os olhos muito verdes fixos nos meus. “Ninguém precisa saber.”

Hei de esquecer a gota de Angústia
Que agora me escalda — que agora me escalda!

Emily Dickinson, poema #193. Endereço: Amherst.

Versos e frases voaram pela minha cabeça durante todo o verão. “Se um pensamento sem pensador aparece”, disse Wilfred Bion, “pode ser aquilo que se chama de ‘pensamento solto’ ou pode ser um pensamento com o nome e o endereço do dono, ou pode ser um ‘pensamento selvagem’. O problema, caso algo assim aconteça, é o que fazer com ele.”

Havia casas dos dois lados da minha casa alugada — novas incorporações residenciais —, mas a vista da janela dos fundos era livre. Consistia de um pequeno quintal com um balanço e, atrás, um milharal, seguido de um campo de alfafa. Mais ao longe viam-se um arvoredo, a silhueta de um celeiro, um silo



e, acima de tudo, o imenso e incansável firmamento. Gostei da vista, contudo o interior da casa me incomodava, não por ser feio, mas por estar repleto da vida de seus donos, um casal de jovens professores com duas crianças que fugiram para Genebra no verão subsidiados por uma espécie de bolsa de pesquisa. Quando entrei com minhas sacolas e caixas e livros e dei uma olhada em tudo, perguntei-me como me encaixaria naquele lugar, com as fotos de família e as almofadas decorativas, de origem asiática indefinida, os livros de administração pública e tribunais internacionais e diplomacia, as caixas de brinquedos, e o cheiro de gato, gatos que abençoadamente não estavam ali. Pensei com desgosto que dificilmente haveria espaço para mim e para minhas coisas, que eu sempre fora uma escrevinhadora das horas vagas. Nos primeiros tempos trabalhava na mesa da cozinha e corria para acudir Daisy quando ela acordava. Lecionar e acompanhar a poesia dos meus alunos — poemas sem urgência, poemas carregados de madeixas e fitas — haviam me tomado inúmeras horas. Mas afinal eu não lutava por mim mesma, ou melhor, não lutava do jeito certo. Algumas pessoas simplesmente se apropriam do espaço de que precisam, jogando para fora do

caminho, aos cotovelos, os invasores e tomado posse do espaço. Boris era capaz de fazer isso sem mover um músculo. Bastava ficar ali parado “quieto como um camundongo”. Eu era uma ratinha ruidosa, daquelas que arranham as paredes e causam alvoroço, mas de algum modo foi o que fez a diferença. A mágica da autoridade, do dinheiro e do pênis.

Acondicionei cada quadro com cuidado dentro de uma caixa e anotei em um pedacinho de papel onde ficara cada coisa. Dobrei diversos tapetes e os guardei com umas vinte almofadas supérfluas e jogos de crianças, e então limpei metodicamente a casa toda; encontrei grumos de poeira aos quais haviam se grudado clipe de papel, palitos queimados, grãos de areia dos gatos, vários M&Ms amassados e outros restos de detritos não identificáveis. Lavei com alvejante as três pias, duas privadas, a banheira e o boxe do chuveiro. Esfreguei o chão da cozinha, espanei e passei pano nas luminárias do teto, que estavam com uma crosta de sujeira. A limpeza levou dois dias e me deixou dolorida e com diversos cortes nas mãos, mas a atividade frenética deixou tudo brilhando. Os contornos difusos e indefinidos de cada objeto em meu campo de visão ganharam uma precisão e uma clareza que me animaram, ao menos momentaneamente. Desembalei meus livros, ajeitei-me no que me pareceu ser o escritório do marido (pista: artefatos de cachimbo), sentei-me e escrevi:

Perda.
Uma ausência conhecida.
Se você não soubesse,
Não seria nada,
O que de fato é, claro,
Outro tipo de nada,
Ardendo como pústula,
Mas também um tumulto,

Na região do coração, dos pulmões,
Um vazio com seu nome.

Minha mãe e as amigas eram viúvas. A maioria dos maridos morrera anos antes, mas elas continuaram vivas e não se esqueceram dos falecidos, embora não parecessem, tampouco, presas à lembrança de esposos defuntos. Na verdade, o tempo as transformara em velhas senhoras formidáveis. Eu as chamava de os Cinco Cisnes, a elite de Rolling Meadows East, mulheres que haviam conquistado seu status não pela longevidade ou pela falta de problemas físicos (todas sofriam de alguma doença de um tipo ou de outro), e sim porque tinham uma tenacidade intelectual e uma autonomia que lhes conferiam a témpera de uma liberdade invejável. George (Georgiana), a mais velha, admitia que as cinco haviam tido sorte. “Nós todas continuamos lúcidas até hoje”, ela brincou. “Claro, nunca se sabe — nós sempre dizemos que pode acontecer qualquer coisa a qualquer momento.” A mulher levantou a mão direita do andador e estalou os dedos. A fricção de sua pele era limitada e não fez nenhum som, fato que ela pareceu reconhecer porque seu rosto se enrugou formando um sorriso assimétrico.

Não contei a George que minha lucidez tinha se perdido e voltado, que perdê-la me apavorara absurdamente, nem que, enquanto conversava com ela no comprido corredor, um verso de outro George, Georg Trakl, me ocorrera: *In kühlen Zimmern ohne Sinn*. Em quartos frescos sem sentido. Em frescos cômodos absurdos.

“Você sabe a minha idade?”, continuou ela.

“Cento e dois.”

Ela tinha mais de um século.

“E você, Mia, está com quantos anos?”

“Cinquenta e cinco.”

“É uma menina.”

Uma menina.

Havia também Regina, oitenta e oito. Ela fora criada em Bonden, mas fugira da roça e se casara com um diplomata. Vivera em diversos países, e sua dicção tinha algo de estrangeiro — uma pronúncia exagerada talvez —, resultado tanto da imersão em ambientes estrangeiros como, imaginei, de certa pretensão, mas aquele acréscimo constrangido também envelheceu com a falante até não poder mais ser separado de seus lábios, sua língua e seus dentes. Regina emanava uma mescla operística de vulnerabilidade e encanto. Desde a morte do marido, ela se casara mais duas vezes — ambos mortos — e depois se seguiram vários casos, inclusive com um arrojado inglês dez anos mais novo. Regina tinha minha mãe como confidente e era sua parceira nos eventos culturais da região — concertos, exposições de arte, e uma ou outra peça de teatro. Havia Peg, oitenta e quatro, nascida e criada em Lee, uma cidadezinha ainda menor que Bonden, que conhecera o marido no colégio, tivera seis filhos com ele e amealhara uma multidão de netos dos quais monitorava cada ínfimo detalhe, um sinal de impressionante saúde neuronal. E por fim havia Abigail, noventa e quatro anos. Embora um dia tivesse sido alta, sua coluna sofria com a osteoporose, que a deixara bastante arqueada. Além disso, ela estava quase surda, mas desde a primeira vez que a vi de relance passei a admirá-la. Usava calças elegantes e blusas que ela mesma fazia, com aplicações ou bordados de maçãs, cavalos e crianças dançando. Seu marido morrera fazia muito tempo — assassinado, diziam uns; segundo outros, eles haviam se divorciado. O fato era que o soldado Gardener desaparecera durante ou logo após a Segunda Guerra Mundial, e sua viúva ou ex-mulher se formara professora de arte para crianças. “Torta e surda, mas não tonta”, disse-me ela enfaticamente.

ticamente em nosso primeiro encontro. “Não deixe de me visitar. Eu gosto de companhia. O número é três-dois-zero-quatro. Repita: três-dois-zero-quatro.”

As cinco gostavam de ler e participavam com algumas outras mulheres, uma vez por mês, de um clube do livro, uma reunião que, conforme pude apurar, tinha certo toque de competitividade. Durante o tempo em que minha mãe morou em Rolling Meadows, algumas personagens do teatro de sua vida cotidiana saíram de cena rumo à “Terapia” e nunca mais voltaram. Ela me contou com franqueza que, quando a pessoa saía do prédio, sumia na “voragem”. A tristeza era mínima. As cinco viviam um presente feroz, pois, diferentemente dos jovens, que consideram sua finitude algo remoto, filosófico, aquelas mulheres sabiam que a morte não era abstrata.

Se tivesse sido possível esconder minha deplorável desintegração dos olhos de minha mãe, eu o teria feito, mas quando um membro da família é levado e trancafiado num hospício, os outros rapidamente se alvoroçam e se oferecem com sua preocupação e pena. O que eu queria esconder de todo jeito de mamãe fui capaz de mostrar abertamente para minha irmã, Beatrice. Ela recebera a notícia e, dois dias depois da minha internação na Unidade Sul, pegou um avião para Nova York. Não vi quando abriram as portas de vidro para ela. Minha atenção devia ter divagado por um momento, uma vez que eu aguardava com ansiedade sua chegada. Acho que ela me viu primeiro, pois ergui os olhos ao ouvir o som decidido de seus saltos altos vindo em minha direção. Ela se sentou no sofá absurdamente escorregadio da área comum e me abraçou. Quando senti seus dedos apertando meus braços, a sufocante secura do casulo antipsicótico em que eu estava vivendo se partiu em pedacinhos, e chorei de

soluçar. Bea me embrulhou e passou a mão na minha cabeça. Mia, ela disse, minha Mia. Quando Daisy voltou para uma segunda visita, eu já estava sã. A ruína fora ao menos parcialmente reconstruída, e não choraminguei na frente dela.

Ataques de choro, uivos, guinchos e risos sem sentido não eram nada incomuns na Unidade, e a maioria deles passava despercebida. A insanidade é um estado de profunda autoabsorção. É preciso extremo esforço para não se perder, e a guinada em direção ao bem-estar acontece a partir do momento em que se deixa entrar um pedaço do mundo, quando uma pessoa ou alguma coisa atravessa o portal. O rosto de Bea. O rosto da minha irmã.

Minha crise foi dolorosa para Bea, mas eu receava que fosse matar minha mãe. Não matou.

Sentada diante dela no pequeno apartamento, cheguei a pensar que minha mãe era para mim não só uma pessoa, mas também um lugar. A casa vitoriana da família na esquina da Moon Street, onde meus pais viveram por mais de quarenta anos, com suas salas espaçosas e um conjunto de quartos no andar superior, fora vendida depois da morte do meu pai, e, quando dela me despedi, a perda me feriu como se eu ainda fosse uma criança que não consegue entender o fato de que algum arrivista ocuparia seu antigo lar. Mas era para minha mãe, e não para a casa dela, que eu estava voltando. Não existe vida sem chão, sem uma noção de espaço externa, mas também interna — lugares mentais. Para mim, a loucura equivalia a uma suspensão. Quando Boris levou embora abruptamente seu corpo e sua voz, comecei a flutuar. Um dia, ele deixou escapar sua intenção de fazer uma *pausa*, e foi o que bastou. Sem dúvida ele havia meditado sobre essa decisão, mas eu não tomara parte em suas deliberações. Um homem sai para comprar cigarros e não volta nunca

mais. Um homem diz à esposa que vai dar uma volta e não volta para o jantar — nunca mais. Um belo dia de inverno o homem simplesmente se levanta e sai. Boris não havia externado sua infelicidade, jamais dissera que não me queria mais. Foi algo que lhe ocorreu de repente. Que tipo de homem é esse? Depois que me recompus com “ajuda profissional”, voltei ao terreno mais confiável, à Terra onde se fala a língua do Pê.

Era verdade que o mundo de minha mãe havia encolhido, e ela encolhera junto. Ela comia muito pouco, pensei. Quando estava sozinha, pegava grandes pratos de cenouras, pimentões e pepinos crus com alguns pedacinhos de peixe, presunto ou queijo. Durante anos aquela mulher havia cozinhado e preparado comida para um batalhão e armazenado alimentos no gigantesco congelador do porão. Costurava nossos vestidos, remendava nossas meias de lã, lustrava cobre e latão até ficar tudo brilhante e liso. Fazia arranjos de flores, além de caracóis com manteiga para as festas, estendia e passava lençóis que ficavam com um cheiro limpo de sol quando dormíamos sobre eles. Cantava para nos ninar à noite, nos dera livros edificantes, escolhera os filmes que podíamos ver e defendera suas filhas diante de professores intolerantes. E, quando ficávamos doentes, ela fazia uma caminha para nós no chão, ao lado dela, enquanto trabalhava na casa. Eu adorava ficar doente — não vomitar ou passar realmente mal, mas em um estado de recuperação com benesses. Eu adorava me deitar naquelas caminhas especiais e sentir a mão de mamãe na minha testa, que depois ela passava nos meus cabelos suados para ver como estava minha febre. Adorava sentir suas pernas se movendo perto de mim, ouvir sua voz com aquela entonação especial para doentes, cantarolada e terna, que me fazia querer continuar doente e me deitar ali para sempre naquela caminha, pálida, romântica e patética, metade eu mesma, metade uma atriz desfalecendo, mas sempre na órbita segura de minha mãe.

Hoje em dia, as mãos dela às vezes tremem na cozinha e um prato ou uma colher caem de repente no chão. Ela ainda é uma mulher elegante e impecável no vestir, entretanto passou a se preocupar terrivelmente com manchas, rugas e sapatos mal lustrados, coisa de que não me lembra durante minha infância. Acho que a casa brilhando foi introjetada e substituída por acessórios brilhando. Sua memória falha ocasionalmente, mas apenas a respeito de acontecimentos recentes ou frases que alguém acabou de dizer. Quanto aos primeiros tempos de sua vida, eles ganharam uma acuidade que parece quase sobrenatural. Conforme minha mãe foi envelhecendo, passei a fazer mais e ela a fazer menos, porém essa mudança em nossa relação pareceu menos importante. Embora a defensora incansável da vida doméstica tenha desaparecido, a mulher que preparava uma caminha para as filhas adoentadas permanecerem perto de si continuava ali sentada diante de mim, ilesa.

“Sempre achei que você sentia demais”, ela disse, repetindo um tema familiar, “que você era exageradamente sensível, a própria princesa sobre o grão de ervilha, e agora essa do Boris...” A expressão de minha mãe ficou rígida. “Como ele foi capaz de uma coisa dessas? Ele tem mais de sessenta. Deve ter enlouquecido...” Ela olhou de canto para mim e coloquei a mão sobre sua boca.

Dei risada.

“Você ainda é linda”, minha mãe disse.

“Obrigada, mamãe.” O comentário sem dúvida se referia a Boris. Como você foi capaz de abandonar alguém que ainda *era bonita*? “Eu queria que você soubesse”, falei, em resposta a uma pergunta que não fora feita, “que os médicos disseram que eu já estou recuperada, que isso é uma coisa que pode acontecer uma vez e nunca mais. Eles acham que já voltei a ser quem eu era — uma neurótica comum —, nada além disso.”